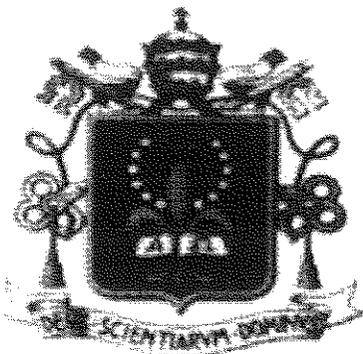


FACULDADE DE TEOLOGIA  
NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO

*São Paulo - Brasil*



**CENTRO DE LITURGIA**

\* *Atualização*

\* *Especialização*

\* *Pós-Graduação*

**INSCRIÇÕES E OUTRAS INFORMAÇÕES**

Av. Nazaré, 993 - Ipiranga

CEP - 04263-100

São Paulo - SP - Brasil

Tel: (011) 274-8600

Fax: (011) 272-7630

## A "BÍBLIA - TRADUÇÃO ECUMÊNICA" E O DIÁLOGO CRISTÃO-JUDAICO

*Prof. Johan Konings*

No final do ano de 1994 foi publicada pela Ed. Loyola a tradução em língua portuguesa da mundialmente elogiada *Bible - Traduction Oecuménique (TOB)* preparada por um time de proeminentes biblistas de língua francesa, pertencendo às diversas confissões cristãs ou à religião judaica. A edição brasileira (*Bíblia - Tradução Ecumênica Sigla TEB*) segue a "versão integral" do original francês, segundo a 3ª edição (Paris, Cerf, 1989). Contém, portanto, além da tradução integral da Bíblia Hebraica (Tanakh), dos apócrifos ou dêuterocanônicos (na terminologia católica) e das Escrituras Cristãs ("Novo Testamento"), o completo aparato de notas da edição francesa integral, provida de ricas introduções, notas, índices e mapas. Embora não nascida de um acordo interconfessional como o original francês, e sim da coragem de uma editora em lançar um livro denso e erudito em tempos de publicações "light", atribuímos à tradução brasileira grande significado ecumênico, de modo especial em relação ao judaísmo.

Diversas razões justificam esta opinião. Entre a dúzia de versões da Bíblia completa atualmente vendidas no país, é a única que segue

escrupulosamente a Bíblia Hebraica conforme a recente edição crítica do texto "masorético" (em uso na sinagoga desde a Antigüidade) pela Deutsche Bibelgesellschaft de Stuttgart, sob a direção de K. Elliger e W. Rudolph. Isto, à diferença de muitas traduções, inclusive a prestigiosa Bíblia de Jerusalém, que em caso de dificuldades no texto masorético recorrem a leituras mais fáceis encontradas nas antigas traduções para o grego e o siríaco, produzindo um texto híbrido. A TOB/TEB chega a deixar certas expressões sem tradução, antes que recorrer a tal ecletismo.

Outra razão para ver nesta publicação - tanto no original francês como na versão em língua portuguesa - um grande passo a frente para o ecumenismo cristão-judaico é o respeito pela sensibilidade judaica na tradução. Em primeiro lugar, a tradução do tetragrama YHWH por "o Senhor", equivalente de Adonai, sem transformar o Nome num nome próprio pronunciado, como faz a *Bíblia de Jerusalém*, ou sem a artificial tradução "o Eterno" adotada pela *Bíblia na Linguagem de Hoje* - pois se Adonai é indubitavelmente eterno, ele é sobretudo histórico!

O mesmo respeito pelo caráter hebraico reflete-se na tentativa bastante corajosa de escrever os nomes próprios de maneira hebraizante, transcrevendo inclusive as letras *heth* e o *tsade* com ponto debaixo da letra. É verdade que os nomes próprios mais conhecidos, como no original francês, são conservados na forma latinizante corriqueira no Ocidente neolatino, mas a versão brasileira, ultrapassando a edição francesa neste ponto, inclui na Introdução uma lista de equivalências trazendo a forma hebraizante dos nomes conservados em forma latinizada.

A busca de termos semanticamente exatos, adequados ao colorido da terra bíblica, é outra prova de respeito pela Bíblia hebraica, mesmo à custa da inculturação brasileira - por exemplo, quando os simpáticos animaizinhos do Salmo 104,18, inexistentes no Brasil, são chamados com o nome certo de "hírces" e não de arganazes, coelhos ou marmotas...

O "senso semítico" se mostra também, muitas vezes, em detalhes quase imperceptíveis da tradução, como, por exemplo, a tradução de *shabat* por cessar (o trabalho) em vez de repousar, e sobretudo, de *érets* por terra em vez de país, etc. Na mesma linha observa-se, em comparação com outras traduções, a quase-ausência do termo raça, sendo substituído por etnia, linhagem etc., conforme o sentido exigido pelo contexto.

Por outro lado, os tradutores não cederam à tentação do "politicamente correto", como fazem aqueles que no polêmico evangelho de João substituem o termo "judeus" por "autoridades (judai-cas)". Pois, se é provável que não foi o povo de Israel, mas no máximo alguns chefes judaicos que fizeram um acordo com os romanos para eliminar Jesus, o evangelista João, polemizando acerbamente com o judaísmo renovado dos rabinos de Javne, não faz esta distinção no seu escrito, e não se deve exigir dos tradutores que corrijam o evangelista! Melhor deixar o leitor perceber que João - por sinal um dos hagiógrafos cristãos que mais citam ou evocam as antigas Escrituras - usa um vocabulário condicionado por uma polêmica historicamente situada, quase uma "briga de irmãos", que só ensejará atitudes antijudaicas em pessoas sem senso histórico. Ora, a TOB/TEB certamente não se destina a tais leitores... Não é uma Bíblia que facilite a leitura superficial a ponto de esconder os problemas de fundo, e por isso os editores merecem todo louvor.

Um grande passo na aproximação entre os dois ramos da tradição bíblica - o judaísmo e o cristianismo - é a organização dos escritos. A primeira parte da Bíblia reproduz sem modificação a ordem dos livros segundo a Tanakh: Lei, Profetas anteriores e posteriores, Escritos. Mesmo a

surpreendente ordem Esdras-Neemias-Crônicas é conservada. Seguem depois os escritos intertestamentários, normalmente chamados apócrifos ou deuterocanônicos, que na antiga tradução grega dos judeus de Alexandria (a Septuaginta) e posteriormente nas bíblias cristãs se encontram integrados na classificação tripartita de livros históricos, livros proféticos e livros sapienciais. A TOB/TEB é a primeira Bíblia cristã (com "abertura ao judaísmo", é verdade) a adotar a ordem da Tanakh. Isso não é apenas um detalhe externo. É uma chave de interpretação. Pois faz muita diferença se o leitor percebe que a Torá ocupa outra posição que as Crônicas, ou encontra justapostas na mesma categoria as histórias de Moisés e as dos Macabeus! Também no tratamento dos escritos intertestamentários transparece o radical respeito pelas origens judaicas desses escritos, como se poderá perceber na leitura da introdução a Baruc e à Epístola de Jeremias (que nas outras Bíblias cristãs se encontra integrada no livro de Baruc).

Quanto às introduções e as notas, percebe-se claramente que o ecumenismo da TOB/TEB não é uma "homogeneização" (que geralmente é uma esterilização). Os comentadores dos diversos escritos falam francamente a voz de suas respectivas confissões. O sóbrio comentador dos Salmos, com suas freqüentes referências a Qimbi,

Ibn Ezra e Rashi não é o mesmo que o luteraníssimo introdutor da Epístola aos Romanos ou o bem católico exegeta do evangelho de João. Precisamente esta diferença traz à luz a rica potencialidade do texto bíblico e a pluralidade que a tradição bíblica pode abrigar. É uma prova viva de que o judaísmo e o cristianismo têm raízes comuns, e assim como o cristianismo perderia muito se não descobrisse suas raízes no Primeiro Testamento nunca ab-rogado (cf. Gálatas 3,17), o judaísmo perderia se não reconhecesse o sentido de universalidade da eleição e do Reino, que o cristianismo vê desabrochar definitivamente em Jesus de Nazaré, mas que também a comunidade judaica pode considerar legado seu. O mútuo reconhecimento de duas maneiras de entender o legado da Aliança, sem cair no relativismo, levará ambos os herdeiros a admirar mais ainda o tesouro que lhes foi confiado.

Terminando estas considerações, quero agradecer os amigos da Fraternidade Cristã-Judaica que me orientaram quando assumi o trabalho de supervisão, e homenagear de modo especial o saudoso irmão Walter Rehfeld, que me ajudou na elaboração do onomástico hebraizado.

Prof. Johan Konings, supervisor científico da edição em língua portuguesa, respondendo a uma solicitação da Comissão Nacional de Diálogo Religioso Católico/Judaico, CNBB.